

CENTENÁRIO DA IGREJA VELHA DE CANUDOS^(*)

José Calasans

Na história do conselheirismo canudense, o ano de 1893 foi fértil de eventos. Conseqüentemente, 1993 é rico de centenários. Já rememoramos os acontecimentos de Natuba, o choque de Masseté, a chegada ao povoado de Canudos, rebatizado com o nome de Belo Monte. Teremos, agora, a 18 de agosto, os cem anos da bênção da capela de Santo Antonio, conhecida como a “igreja velha”.

Um sobrevivente do conflito sertanejo, Manuel Ciriaco, natural de Canudos, homem de boa memória e conversa equilibrada, contou-nos que o Conselheiro, em sua primeira passagem pelo povoado, nos idos de 80, prometeu a Antonio da Mota, “negociante de couro e de balcão”, então homem forte da localidade, que levantaria uma nova capela no arraial do Vaza-Barris. Outro informante, o famoso Pedrão, Pedro Nolasco de Oliveira, disse-nos, por sua vez, que existia, erguida por gente da Torre de Garcia d'Ávila, uma igrejinha, quase em ruínas, quando o Bom Jesus garantiu que levantaria um pequeno templo.

Cumpriu a promessa. Em março de 93, segundo carta existente no arquivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o Peregrino escreveu ao seu beato Paulo José da Rosa que não levasse os santos para a nova capela, já concluída, porque não estava benta. Acreditamos que o propósito do Santo Conselheiro, depois de haver, festivamente, obtido do cônego Agripino Borges a bênção da igreja do Bom Jesus, na atual cidade de Crisópolis, era ir a Canudos para assistir a bênção da prometida capela. Houve, porém, uma série de fatos, que modificaram os projetos de Antonio Vicente. Com a luta de Masseté, a organização da tropa federal para persegui-lo, o Bom Jesus Conselheiro

(*) Publicado originalmente em *A Tarde*, Salvador, 21 ago. 1993.

terminou chegando ao seu Belo Monte como um perseguido do Governo. Tomou, então, atitudes de defesa, organizando a Guarda Católica, municida e fardada, visando sua segurança pessoal e a defesa do reduto conselheirista. O governador Rodrigues Lima, todavia, após uma reunião em Palácio, desistiu do plano de luta. Deixou Antonio Vicente Mendes Maciel em paz, a partir de julho. Sentindo-se mais ou menos tranquilo, o Bom Jesus tratou de mandar benzer a mais nova de suas igrejas. Apelou, certamente, para o vigário do Cumbe, hoje Euclides da Cunha, padre Vicente Sabino dos Santos, sergipano do Lagarto, nascido em 1824. Canudos fazia parte da Freguesia. Foi uma festança, com foguetório e rezas, tudo ao gosto do Santo Conselheiro. Na oportunidade, ao entregar a chave da igreja, hoje guardada no Instituto Geográfico da Bahia, Antonio Conselheiro falou. Seu pronunciamento, que estava entre os originais encontrados pelo acadêmico João Pondé e publicados pelo jurista Ataliba Nogueira, é o melhor trabalho que nos legou. Agradece ao Bom Jesus a conclusão da obra, faz elogio das igrejas, condena os republicanos, os maçons, os protestantes e até mesmo os judeus. Define seu pensamento, com muita clareza.

Quando teria sido a cerimônia? No pé do cruzeiro, levantado defronte da capelinha, figura o ano de 1893. Pedrão, seus companheiros, Manuel Ciriaco e Zé de Totó, além de grande número de conselheiristas se casaram a 18 de agosto de 1893, conforme o velho combatente de Cocorobó. Uma grande festa, repetimos, com foguetório, rezas a valer, música, presença do vigário Sabino, que possuía casa no povoado místico. Dispomos de boas razões para julgar haver sido 18 de agosto o dia da bênção. É, convenhamos, uma boa hipótese de trabalho. Como existem, presentemente, grupos de estudiosos da história de Canudos, toma-se necessário ouvi-los. Aqui fica minha sugestão.